

Peregrinação a Caravaggio – 1º de outubro de 2016

Jubileu da Misericórdia

«Senhor, eu sou um pecador: vem com a tua misericórdia» (Papa Francisco)

1) O Ano da Misericórdia. Que graça!

Que gratidão sem limites pela Sua misericórdia ao longo de todo este ano! Cada um pode aproveitar este momento para se tornar ainda mais consciente de quantas vezes, nestes meses, foi invadido pela misericórdia de Cristo, pela Sua ternura incomensurável para consigo.

Escutemos novamente o que nos diz o Papa Francisco: «Não obstante os nossos pecados, os nossos limites, as nossas faltas; não obstante as nossas numerosas quedas, Jesus Cristo nos viu, aproximou-se, deu-nos a mão e teve misericórdia de nós. De quem? De mim, de ti, de todos. Cada um de nós poderá recordar, pensando em todas as vezes que o Senhor o viu, que olhou para ele, que se aproximou dele e o tratou com misericórdia [...]. E a isto Paulo chama doutrina segura – curioso! – isto é doutrina segura: foram misericordiosos para conosco» (Da *Videomensagem por ocasião da celebração do Jubileu extraordinário da Misericórdia no continente americano*, 27-30 de agosto 2016, Bogotá, Colômbia).

À luz desta preferência única de Cristo para conosco, vem à tona também toda a nossa distração. Que diferença daquele «procurá-Lo dia e noite» e daquela tensão que recordamos e que foi a de Maria Madalena: «Toda a noite procurei aquele que o meu coração ama» (Ct 3,1). Cada um de nós sabe quando, tantas vezes, são outros interesses, outras preferências, que se sobrepõem em relação ao não «antepor nada ao amor de Cristo» (cfr. RB 4,21).

Talvez agora possamos nos dar ainda mais conta da diferença com que nós, em tantas ocasiões este ano, nos tratamos uns aos outros. Quantas discussões aceras, quanta violência, às vezes até a inveja!

«Quando nos esquecemos do modo como o Senhor nos tratou [...] invade-nos uma lógica separatista. [...] Fraturamos o presente construindo “facções”». (Da *Videomensagem por ocasião da celebração do Jubileu extraordinário da Misericórdia no continente americano*, 27-30 de agosto 2016, Bogotá, Colômbia).

Quanta impaciência, sem nos darmos tempo para entender a mudança epocal que estamos atravessando! Que pouca disponibilidade para nos ouvirmos, para nos abrimos à perspectiva do outro, confundindo a verdade com o hábito! Mas se nós não somos disponíveis entre nós, como é que poderemos ser com os outros?

Se formos leais, devemos reconhecer com dor alguns sinais da nossa indisponibilidade: ataque à unidade de uma experiência que nos precede; o prevalecer da contraposição de ideias sobre a pertença vivida; esvaziamento da ontologia do fato cristão, a ponto de identificá-lo com um conjunto de ideias e regras definidas por nós; redução do carisma a inspiração, sem seguimento real.

Até houve quem chegasse a contestar o magistério do Papa, inconcebível numa realidade como a nossa. Talvez devêssemos admitir a nossa presunção, de acordo com toda a gama com que esta

pode se manifestar, como nos disse Dom Giussani em 1992: «Cada um pode fazer o que quiser do carisma e da sua história: reduzi-lo, torná-lo parcial, acentuar aspectos dele em prejuízo de outros (tornando-o monstruoso), dobrá-lo a um próprio gosto de vida ou a um próprio interesse, abandoná-lo por negligência, por obstinação, por superficialidade, ou ainda abandoná-lo a um acento em que a própria pessoa se encontre mais à vontade, encontre mais gosto e se cansa menos» (L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, Bur, Milão 2003, p. 68).

2) «Senhor, eu sou um pecador»

Justamente tudo isto, todas estas circunstâncias nas quais a nossa presunção feriu o corpo da nossa grande Fraternidade, como consequência de não O procurarmos dia e noite, podem tornar mais fácil vivermos este momento como um gesto em que nós somos protagonistas – de tanto que somos necessitados –, sem reduzi-lo a um mero ato formal ou piedoso.

Vimos aqui, aos pés de Nossa Senhora, com esta consciência. Vimos como mendicantes de misericórdia. Ainda mais conscientes de sermos necessitados. «Peçamos-lhe [...] que tenhamos a coragem de nos reconhecer pecadores e necessitados da sua Misericórdia e que não tenhamos medo de deixar a nossa mão entre as suas mãos maternas» (Francisco, *Discurso à Cúria Romana*, 22 de dezembro de 2014).

Só quando nós não reduzimos o nosso mal, e mais ainda quando não o justificamos, é que podemos nos dar conta da novidade da Sua misericórdia, necessária para não deixar nada para trás, para não sermos esmagados pelo peso do nosso mal, para não termos de censurar nada. E então ficamos surpreendidos com Ele: «Mas como? Com tudo aquilo que eu fiz e continuo a fazer, ainda tens piedade de mim, de nós, Cristo?». Que perturbador! «Do amor não se foge» dizia o preso brasileiro. «Tu vales muito mais do que as tuas ações», diria Paul Ricoeur (*La memoria, la storia, l'oblio*, Cortina, Milão, 2003, p. 702).

Estamos aqui para mendigar a conversão do nosso coração: ou seja, um olhar verdadeiro sobre nós que nos permita retomar o caminho.

3) Como é que Ele responde à nossa necessidade?

«A infidelidade sempre surge no nosso coração mesmo diante das coisas mais belas e mais verdadeiras, nas quais, diante da humanidade de Deus e da simplicidade original do homem, o homem pode fraquejar por debilidade e preconceito mundano, como Judas e Pedro», disse Dom Giussani no dia 30 de maio de 1998 (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. VI).

É o que nos recorda o profeta Ezequiel: «Mas tu [Jerusalém] puseste tua confiança na beleza e te prostituíste graças à tua fama. Tu te oferecias a qualquer um que passasse e lhe pertencias [...]».

Mas então como hoje, o Senhor diz-nos pela boca do mesmo profeta: «Contudo eu **me lembrarei da minha aliança**, que fiz contigo nos dias da tua mocidade; e estabelecerei contigo uma **aliança** eterna [...] para que te lembres disso, e te envergonhes, e nunca mais abras a tua boca, por causa

da tua vergonha, quando eu te expiar de tudo quanto fizeste» (Ez 16,15.60.63). Apesar dos nossos pecados, Deus não rompe a Sua aliança. A razão última é a que São Paulo relembra ao seu amigo Timóteo: «Se somos infiéis, ele permanece fiel, porque não se pode renegar a si mesmo» (2Tm 2,13). Deus não pode negar a si mesmo: esta é a nossa esperança.

Como faz chegar até nós a Sua misericórdia? Giussani nos mostra isso de uma forma comovente, identificando-se mais uma vez com a figura de Maria Madalena. «De repente o sentido da vida se ofusca; e o círculo se fecha, frio, ao nosso redor: egoísmo... Já não se procura a pessoa, a única para a qual a alma se rompe e se abre: se doa. Sacrifica-se... Madalena quebrou o vaso de alabastro: “desperdiçou” o perfume, deu-o. Cada dom é uma perda. Amar verdadeiramente uma pessoa parece ser um desperdício: de si mesmo, de energia, de tempo, de cálculo, de vantagens, de gostos. Os outros, perante o gesto de Madalena, abanaram a cabeça: “louca! sem critério! sem interesse!”. Mas naquela sala só ela “vivia”, porque só amar é viver [...]. Aquele abrir-se aos outros: aos outros, a todos os outros – através da pele do próprio eu, rasgada, geralmente tem **um rosto**, que tem a **função de romper a casca do nosso egoísmo**, de manter aberta esta maravilhosa ferida, aquele rosto é o provocador e o estimulador do nosso amor; o nosso espírito sente-se florescer de generosidade com o seu contato, e através daquele rosto dá-se, em abundância, aos outros, a todos os outros, ao universo» (Apontamentos manuscritos de Dom Giussani, em *Vita di don Giussani*, Bur, Milão 2014, p. 135).

Para abrir uma fenda na casca de Maria, Deus não usa a violência. É um rosto, o provocador e o estimulador do seu amor. Só um olhar é adequado para desafiar a liberdade daquela mulher. Aquele rosto, aquele olhar cheio de misericórdia é o culminar do testemunho de Deus, da Sua ternura para conosco. Cristo responde à nossa necessidade ilimitada dobrando-se a passar através da liberdade. A nós cabe acolher a sua misericórdia incondicional, que pode chegar através de uma pessoa de quem menos se esperava.

«Esta manhã entrei na sala de aula com uma ferida, porque ontem um aluno me disse: “Mas o que é que tinha hoje? Estava zangado conosco?”. Eu não estava zangado com eles, mas é verdade que não estava presente, porque tinha perdido as chaves de casa e estava preocupado; impressionou-me que ele tivesse percebido que eu tinha alguma coisa, o que muito me interrogou, porque significa que não é verdade que é tudo igual, não é verdade que você possa estar ou não estar. Esta manhã eu trouxe comigo aquele pedido de presença que ele me fez, a urgência de que eu esteja na sala de aula presente naquele instante, e não com a cabeça em outro lugar: ao entrar na aula, o sobressalto foi perceber que eu preciso dele para estar presente, eu preciso dos rostos deles para estar presente, e isto é simples e libertador. Assim, compreendi um pouco melhor aquilo que você disse em Cervínia, que “o Movimento é a forma, o modo pelo qual Cristo nos alcançou, nos fascinou, nos tomou; é o modo no qual o cristianismo se tornou interessante para nós, no qual Cristo se tornou uma presença real na nossa vida. E nós o descobrimos através da experiência, por Sua capacidade de nos atrair, de nos fascinar e, no pertencer, de mudar a nossa vida. Mas essa dinâmica nunca para, porque as circunstâncias mudam constantemente. Por isso, é preciso sempre escutar os sinais dos tempos para encontrar a forma adequada do testemunho”. Hoje sou atraído por uma atenção a mim que eu nem sequer imaginava, pensei sempre que o estar presente dependia de mim, em parte será verdade, hoje descobri que há alguém que tem necessidade de que eu esteja, e eu tenho necessidade desse alguém para ser. É fascinante esta experiência, uma reciprocidade que me marca, não é que eu saiba qual é o bem deste rapaz, hoje sei que eu sou um bem para ele, eu, por causa da paixão que tenho pela minha vida. Tenho que

responder a esta pergunta não fazendo-lhe o bem que eu imagino que ele precisa, mas fazendo aquilo que fiz esta manhã. Ontem eu estava na aula, mas não estava, esta manhã estive lá, e este meu estar lá é um bem para ele, vi isso olhando para a sua surpresa hoje!».

4) Sem misericórdia, não há caminho

Sem que Ele volte a tomar a iniciativa conosco uma vez após a outra, não haveria a possibilidade de um caminho. Numa relação, não há caminho sem a misericórdia. Sabemos bem disso: sem perdoar e sermos perdoados, nenhuma relação teria possibilidade de durar. E se cada um de nós não se deixa abraçar de novo, se não se deixa perdoar de novo, nós não conseguimos abraçar-nos e perdoar-nos por nós mesmos. É nisto que o Mistério nos é revelado como Misericórdia, como diz Dom Giussani: «O ponto em que o Mistério se revela a nós como misericórdia é um Homem nascido de mulher, que rasga todas as imagens e os desenhos limitados que conseguimos formar com a nossa fantasia» (L. Giussani, *Generare tracce*, op. cit., p. 189). Não é um discurso sobre a misericórdia que pode nos fazer viver, mas a relação com uma Presença, graças à qual uma pessoa se abandona nos braços de um Outro, é um abandono, diz Giussani: «O homem pode apenas abandonar-se. Nesse abandono, experimenta o amor do Mistério como força que o “absorve”, que o recria. É uma confiança absoluta, é um abandono absoluto, um abandono comparável ao de Nossa Senhora no instante em que “o anjo a deixou”» (*Ibidem*, pp. 183-184).

Por isso não percebo como se pode pensar em fazer um caminho sem voltar ao «sim» de Pedro. De outra forma, como fazemos para recomeçar? Não há possibilidade de moralidade, nem possibilidade de ligação, sem uma presença. Sem Presença não há moralidade. Por isso, uma «história particular [...] é o ponto-chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade» (*Ibidem*, p. 82). Porque a misericórdia é uma pessoa, a misericórdia tem um rosto: chama-se Jesus Cristo e revela-se na relação com você, como se revelou na relação com Pedro; mesmo com todos os seus erros, as quedas, as traições, nada disto foi uma objeção. Nada disto é uma objeção. A única verdadeira objeção é o ceticismo: «Será?».

Por isso nós só podemos retomar o caminho se Ele nos prender de novo a Si. Só assim é que entendemos que «a misericórdia não é uma palavra humana. É idêntica a Mistério, é o Mistério do qual tudo provém, pelo qual tudo é sustentado, em que tudo termina, na medida em que se comunica desde já à experiência do homem» (*Ibidem*, p. 184). Todas as nossas imagens, as nossas medidas, desaparecem diante deste contínuo revelar-se do Mistério ilimitado da misericórdia, desafiando qualquer álbi nosso que nos faz dizer: «Não é possível» uma misericórdia assim.

Só quem cede a este abraço pode vencer a luta contra a pretensão de autonomia, pela experiência continuamente renovada de que o nosso eu é relação com um Outro, que eu só sou verdadeiramente eu na relação com o Mistério presente. A autonomia é como um não ceder a este olhar de misericórdia que nos alcançou e que trazemos conosco.

5) Missão

«O mundo foi conquistado para o cristianismo em última instância por esta palavra que resume tudo: “misericórdia” » (*Ibidem*, p. 159). É da experiência desta contínua misericórdia que podem

surgir novas formas de presença, de que o mundo de hoje tem necessidade.

No seu último livro, Bento XVI diz: «É claro, sobretudo, que a descristianização da Europa progride, que o elemento cristão desaparece cada vez mais do tecido da sociedade. Consequentemente, a Igreja tem de encontrar uma nova forma de presença, deve mudar a sua forma de apresentar-se. Estão em curso reviravoltas epocais, mas não se sabe ainda a que ponto se poderá dizer com exatidão quando começa uma ou outra» (*Ultime conversazioni*, por Peter Seewald, Garzanti, Milão 2016, p. 218).

E ainda: «O importante é, na realidade, que nós anunciemos a fé não apenas em formas bonitas e autênticas, mas que aprendamos a compreendê-las e a exprimi-las de um modo novo para o presente, e que assim se forme um novo estilo de vida. E é o que acontece, ainda assim: graças à Providência; graças ao Espírito Santo; nos modernos institutos e movimentos religiosos. Nestes movimentos existem formas nas quais a vida da Igreja se apresenta de um modo novo. Se, por exemplo, fizer uma comparação entre [...] as *Memoires* [que vivem com Bento XVI] e as religiosas de antigamente, reconheço um grande impulso à modernização. Com palavras pobres: onde a fé está ativa e vital, onde não vive na negação, mas na alegria, ela encontra formas novas. Para mim é fonte de grande alegria que nos novos movimentos a fé se apresente de forma diferente, renovando o rosto da Igreja» (*Ibidem*, p. 208).

Na Página Um da *Passos* de outubro, falamos da «forma do testemunho»: «Nós não vivemos no ar, vivemos nas circunstâncias, diante dos desafios, num momento concreto do tempo: por isso a forma do testemunho pode ser diferente, porque fica determinada em relação às circunstâncias históricas. Isto não significa renunciar à origem na nossa experiência, mas que essa origem se encarna nas circunstâncias históricas, de tal modo que podemos verificar se ela resiste à evolução dos tempos, à pressão das mudanças» (J. Carrón, «A forma do testemunho», *Passos* n. 185, out/2016, p. 18).

A **misericórdia** aparece historicamente como o contrário da **revolução**. É, com efeito, uma presença totalmente positiva na vida do mundo: «A capacidade de misericórdia se expressa como sensibilidade para o bem, como certeza de que o bem vence com a força de Cristo. “Eu vos amo, ó Senhor! Sois minha força”, “Tudo posso n’Aquele que me fortalece”» (L. Giussani, *Generare tracce*, op. cit., p. 159).

Assim se realiza a verdadeira revolução, a única que não precisa de outro poder para se realizar senão a «certeza que o bem vence com a força de Cristo»; trata-se de uma experiência impossível ao homem, mas que se torna experiência real através da misericórdia: o perdão. «Perdoar quer dizer abraçar como próprio, como parte de si, a diferença do outro. A misericórdia quer dizer isto: quer dizer a atitude de adesão, de abraço, como a mãe com o filho! ... Olha-se para a outra pessoa para o fundo do seu coração, na sua verdade, na sua relação com Deus, isto é, com Cristo, porque foi chamada por Cristo como eu, e então uma pessoa abraça-a, aceita-a como parte do seu caminho – por mais que haja diferenças, é parte de mim... Qual é o pretexto que normalmente temos para não estimar o outro, e portanto, para não o amar? O pretexto é um não respeito da sua liberdade, porque a liberdade do outro é o modo com o qual o seu confronto com o infinito se traduz nos termos cotidianos das circunstâncias que tem de enfrentar» (Fraternidade de Comunhão e Libertação, Milão, *Documentação audiovisual*, Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímimi, 30 de março-1º de abril de 1984).

Por isso, convém-nos seguir o Papa, que não se cansa de nos chamar à posição certa diante do mundo, que tem um desejo ilimitado de encontrar Aquele que está entre nós: «É amando que se anuncia Deus-Amor: não à força de convencer, nunca impondo a verdade nem mesmo obstinando-se em torno de alguma obrigação religiosa ou moral. Anuncia-se Deus, encontrando as pessoas, com atenção à sua história e ao seu caminho. Porque o Senhor não é uma ideia, mas uma Pessoa viva: a sua mensagem comunica-se através do testemunho simples e verdadeiro, da escuta e acolhimento, da alegria que se irradia. Não se fala bem de Jesus, quando nos mostramos tristes; nem se transmite a beleza de Deus limitando-nos a fazer bonitos sermões. O Deus da esperança anuncia-Se vivendo no dia a dia o Evangelho da caridade, sem medo de testemunhá-lo inclusive com novas formas de anúncio» (*Homilia, Jubileu dos catequistas*, 25 de setembro de 2016).

Testemunha-nos isto, na sua simplicidade desarmante, este nosso jovem amigo:

«Quando penso no que foi para mim a experiência da *equipe* de *GS*, penso no “re-acontecer” de um encontro, de uma amizade grande que conquista continuamente a minha vida. Em primeiro lugar, partindo dos amigos da minha comunidade, a nossa amizade não considerava nada óbvio, mas abria-se à novidade, ao frescor de novos conhecimentos com pessoas com vidas e experiências diferentes das nossas, de modo genuíno e com simplicidade... o diálogo entre nós abria-nos a um encontro, uma “ponte” com o outro. Um encontro que é uma afirmação da promessa de Cristo de nunca nos deixar sós, da Sua presença viva e “carnal” na existência de cada um, que cada dia me faz dizer, como escreveu a minha amiga Stella: “Quem és Tu que me fazes falta?”. Quem és Tu, presença viva, que o meu coração deseja, uma vez que está consciente de que eu, sem Ti, nada posso fazer?

A *equipe* foi mesmo o pôr diante dos olhos o encontro que eu tinha feito alguns anos antes com a companhia de *GS*, quando toda a sede de viver, de que o meu coração estava, e está, cheio, parecia ser entendida, amada, levada a sério. Não que antes eu não acreditasse, ia à missa todos os domingos, acompanhava as atividades da paróquia, mas foi através daquela experiência arrebatadora que eu pressenti, através de pessoas, fatos, que existe um lugar onde toda a minha sede de verdade é olhada com sinceridade e onde eu sou “mais eu”, porque há Alguém que me chamou amigo; Alguém que teve piedade do meu nada até o ponto de se deixar pregar numa cruz. A partir daqui nunca mais parei, a minha vida jorra de dentro do coração, e cada dia se torna o momento de verificar o Encontro, “sem me afastar um milímetro da realidade”, como nos dizia o Carrón na assembleia de sábado de manhã.

Eu preciso refazer aquele encontro, viver verdadeiramente; já não me contento, a escola, os amigos, a música, o esporte, em tudo a realidade me desafia a encontrar aquela “partícula de verdade” que corresponde ao meu coração. A partir daquele encontro com uma Beleza maior na realidade, na minha existência, comecei a viver verdadeiramente, à altura do desejo, e não segundo os meus pensamentos, porque quero “apreciar” tudo, quero “arriscar-me” de modo extraordinário, não num mundo ideal, mas nesta realidade que me é dada, que é um contínuo campo de batalha, mas onde fiz, e peço que aconteça todos os dias, o encontro com Ele. A *equipe* foi a ocasião de fazer memória disto, um trampolim de lançamento para continuar a caminhar com maior decisão, porque “o homem caminha quando sabe bem para onde deve ir”».

Peçamos a Nossa Senhora esta simplicidade de coração, para sermos grandes como crianças que sabem para onde ir.